



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

14 DE JUNHO DE 1995

Excelentíssimo Senhor Presidente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, Fernando Hortêncio; Excelentíssima Senhora Ana Lúcia, sua esposa; Senhor Governador Marcello Alencar e senhora do Governador, aqui presentes; Senhor Presidente da Câmara dos Deputados e senhora Luís Eduardo Magalhães; Senhores Ministros de Estado; Senhores Senadores; Senhores Deputados Federais; Doutor Roberto Marinho, Dona Lili, que aqui estão; Senhores Deputados Estaduais; Senhor Presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro; Senhor Presidente do Banco Central; Senhor Presidente do BNDES; D. Ruth Cardoso, que está conosco; É tanta gente que eu, mesmo olhando, não vejo todos.

Eu dizia, há pouco, que não sabia sealaria ou não. Normalmente o Presidente fala. É muito difícil ter um jantar sem que ele tenha que falar, mas eu pensava comigo que hoje é uma fala que me alegra, é uma fala que faço com muita satisfação, porque nós estamos comemorando 150 anos de uma instituição, e isso é muito importante.

Há poucos dias, eu me dei conta, embora tenha sido professor de Ciências Políticas, de um fato que tinha me escapado, qual seja o de que o

Parlamento brasileiro é um dos mais antigos do mundo com sessões ininterruptas. Sabia disso, senhor Presidente da Câmara? Vou vender o peixe que me foi vendido também. Apenas os Estados Unidos e a Inglaterra têm Parlamntos com maior duração de sessões do que o nosso. Ele teve interrupções: duas. Uma numa certa fase do Getúlio e a outra no período dos militares, numa certa fase. Sete anos numa vez e um ano na outra.

Fora disso, desde 1800 ou desde D. Pedro I – é verdade que ele atropelou a Constituinte –, mas, de qualquer maneira, desde 1823-24 em diante o Parlamento existe.

Agora é a Bolsa. Cento e cinquenta anos. É assim que se fazem as nações: com instituições que perduram, com instituições que se renovam. Mas o renovar não pode nunca significar terminar com o passado. Tem que ser realmente alguma coisa que renasça, mas que mantenha suas marcas. Talvez uma das características dos países desenvolvidos seja precisamente que eles não destroem os seus monumentos nem seus edifícios, mas os conservam.

Este hotel onde estamos é uma prova disso. Mantém-se, renova-se – e isso é progresso. Progresso não é simplesmente destruir o que está feito e construir marcos novos. É, também. Mas é, sobretudo, deixar o caminho palmilhado com algumas marcas. E a Bolsa do Rio é isso, é uma marca da cidade do Rio de Janeiro, é uma marca da economia brasileira.

Queria aproveitar este ensejo, já que o Doutor Fernando nos disse que nós devíamos a nossa contribuição para que a cidade do Rio de Janeiro tivesse o seu... eu não diria o seu período áureo e seu apogeu, porque isso é permanente. O Rio fica sempre na memória de todos. Não é preciso ter nascido aqui, como eu; basta ter conhecido a cidade para que a lembrança dela não se afaste. De qualquer maneira, o desafio do Doutor Fernando foi no sentido de que cada um desse a sua contribuição, por pequena que fosse, para que o Rio mantivesse essa posição ímpar, não só no Brasil.

O Rio é a grande cidade tropical. Não são muitas as cidades tropicais. As cidades nasceram em outros hemisférios. Mas aqui se encontra, realmente, a pujança do trópico e da cidade. Cidade, na definição clássi-

ca de Max Weber, não é o casario; é o mercado, é a bolsa; é a existência de uma comunicação que se faz através do comércio, do intercâmbio e do mercado. E essa presença muito ativa é que marca. Mas o Rio é uma cidade, continua sendo, e a Bolsa faz parte dessa cidade.

Pois bem, o Doutor Pedro Malan, Ministro da Fazenda – geralmente os ministros da Fazenda e os presidentes do Banco Central são piores, são muito parcos em concessões – me estimulou e me enviou uma Exposição de Motivos pedindo que eu a assinasse, e eu assinei. Hoje mandei para o Diário Oficial uma decisão fazendo com que a sede da CVM, a Comissão de Valores Mobiliários, seja transferida para o Rio de Janeiro. Isso porque é importante que uma Comissão como essa, que hoje tem a honra de presidir as suas congêneres em todas as Américas, esteja próxima do centro onde o capital flui mais facilmente. E então nos pareceu correto.

Vejo o Presidente da Bolsa de São Paulo me olhando com uma certa tristeza, mas ele não precisa, porque sabe que o Rio está mais próximo de São Paulo que de Brasília; está mais próximo dos nossos laços de afetividade e também porque a comunicação entre as Bolsas é muito grande. De modo que eu transferi para o Rio – e também transferi um pouquinho para São Paulo.

Queria aproveitar para lhes dizer que as palavras do Governador Marcello Alencar, sempre tão generoso comigo, e tão amigo tem sido no que diz respeito ao Rio de Janeiro, são palavras absolutamente verdadeiras. O Rio está num momento bom. Eu diria que o Brasil vive um bom momento. Diria que nós estamos conseguindo, graças a uma convergência muito grande de esforços, de opiniões, de sentimentos, mostrar que este país tem uma força enorme, não só pelo controle da inflação, graças à equipe econômica – e alguns dos seus integrantes estão aqui presentes hoje, eles que realmente têm dado uma contribuição brilhante ao País –, mas também pela compreensão do seu povo, que entendeu que estava na hora de mudarmos muitos aspectos da nossa vida e que tínhamos que mudá-los com sinceridade e com franqueza, com coragem, sem arrogância, mas olhando o caminho do futuro.

Se o Brasil está nesse rumo, não tenho dúvida nenhuma de que o Rio também está. E vejo aqui o olhar do Doutor Roberto Marinho assentindo nisso, que o Rio está nesse caminho e vai seguir cada vez mais nessa direção de uma cidade que é – não é que ela seja vitoriosa, a palavra “vitoriosa” às vezes é um pouco arrogante, e o Rio não é uma cidade arrogante – uma cidade generosa, uma cidade acolhedora.

Então, realmente, creio que nós estamos vivendo um bom momento do Brasil, um bom momento do Rio de Janeiro. E, se o Presidente da República veio hoje aqui, ele o faz, por certo, não só como carioca e também como paulista, mas como brasileiro, como alguém que, ao homenagear o Rio, tem certeza de que está homenageando essa força nova que existe no Brasil, esta fé que nós todos temos em que este é um grande país. E que aquela que foi a capital do Brasil continuará sendo, de certa maneira, o seu farol, a iluminar para sempre um futuro cada vez mais radioso para o nosso povo.

Muito obrigado.